



## **SEXUALIDADES E ENVELHECIMENTO: SUBJETIVIDADE, CORPO E RESISTÊNCIAS DE PROSTITUTAS IDOSAS NO CURTA METRAGEM 69 PRAÇA DA LUZ**

ISTOE, Rosalee dos Santos Crespo<sup>1</sup>

*Professor do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da  
Universidade Estadual do Norte Fluminense  
rosaleeistoe@gmail.com*

GOMES, Denise da Silva.<sup>2</sup>

*Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da  
Universidade Estadual do Norte Fluminense  
psidenisegomes@gmail.com*

654

### **RESUMO**

Os recentes estudos sobre o envelhecimento humano costumam abordá-lo a partir de suas fragilidades, declínios e improdutividade. Os discursos da ciência e os meios de comunicação contribuem para a difusão de modelos de envelhecimento e gestão de si baseados em padrões inalcançáveis de juventude, saúde e bem estar. Assim, o presente trabalho propõe discutir as surpreendentes e inusitadas falas apresentadas no curta metragem “69 Praça da Luz”. O filme apresenta depoimentos de idosas prostitutas e sua relação com o corpo, sexualidade, família, trabalho e sociedade. A metodologia da pesquisa é de caráter exploratório e qualitativo, com ênfase na discussão da interseccionalidade entre as categorias de articulação gênero, geração e classe, abordando o arranjo específico das mulheres idosas prostitutas. Verificou-se a diversidade de concepções e identificação de potencialidades das idosas acerca de seus corpos, bem como sua inter-relação com os aspectos geracionais, sociais, familiares e de trabalho.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Gênero. Interseccionalidade.

### **ABSTRACT**

Recent studies on human aging tend to approach it from their weaknesses, and non-productivity declines. The discourses of science and the media contribute to the dissemination of models of aging and self-management based on unattainable standards of youth, health and wellness. Thus, this paper aims to discuss the surprising and unusual lines presented in the short film " 69 Praça da Luz ". The film features interviews with elderly prostitutes and their relation to the body, sexuality, family, work and society. The methodology of the research is exploratory and qualitative in nature, with emphasis on the discussion of intersectionality between categories of articulation gender, generation and class, addressing the specific arrangement of elderly women prostitutes. It was found the diversity of concepts and identification of potential elderly about their bodies as well as their interrelationship with generational, social, family and work issues.

**Key-words:** Aging. Gender. Intersectionality.



## 1. INTRODUÇÃO

Os modelos de envelhecimento e gestão de si baseados em padrões inalcançáveis de saúde e bem-estar, circulam pela cultura através dos meios de comunicação, práticas em saúde e no cotidiano. Entre eles, o discurso científico possui destaque e, com frequência, aborda como objetivo de estudo apenas as fragilidades, desgastes e impotência vivenciados durante a velhice. Neste sentido, estereótipos negativos e o preconceito geracional são construídos e reforçados produzindo discursos com efeitos de verdade a respeito dessa população.

As normas de conduta sexual, performances de gênero, de geração, da divisão social e sexual do trabalho, da noção de corporeidade, entre outras fundamentam as representações que posicionam diferentemente homens e mulheres frente às possibilidades de adesão aos modelos de gestão do envelhecimento. O gênero, como categoria de articulação, se relaciona a outros marcadores sociais estabelecendo distintos arranjos aos quais emergem as diferenças, singularidades ou desigualdades, opressão.

Na contemporaneidade, diferentes perspectivas cercam a sexualidade do idoso, ora considerada como objeto de intervenção e controle da biomedicina e dos fármacos visando ao alcance de uma suposta virilidade, ora incutida nos papéis de avô e avós assexuados. Nas frestas dessas determinações se apresentam identidades e subjetividades autênticas, vide as mulheres do curta metragem “69 Praça da Luz”.

O curta metragem, produzido por Carolina Markowicz e Joana Galvão em 2007, apresenta relatos inusitados de cinco mulheres que narram suas experiências com o trabalho sexual, percepções acerca da sexualidade, das relações com parceiros e/ou clientes, vivências familiares, afetivas e corporais. Este trabalho tem como objetivo promover a discussão acerca das intersecções dos marcadores sociais/categorias de articulação, gênero, geração e classe, bem como dos relatos das mulheres no filme.

## 2. ENVELHECIMENTO DA MULHER E SEXUALIDADE

A situação demográfica nos aponta o fato de que o envelhecimento é um processo essencialmente feminino. De acordo com o Censo Demográfico 2010, a população idosa brasileira contabilizava 995.662 habitantes, sendo 55% - aproximadamente 546.968 - composto por mulheres com 60 anos ou mais, em sua maioria, concentrada nas áreas urbanas. As regiões



com maiores proporções de mulheres nessa faixa etária são Sudeste e Sul, ambas com 13,1% (IBGE, 2011).

As mulheres que hoje estão com 60 anos ou mais vivenciaram durante sua juventude um contexto sociocultural marcado por normas de controle moral e sexual diferentes. O discurso normativo forjado pelo Patriarcado moldava condutas e comportamentos no desempenho dos papéis familiares, comunitários, religiosos, entre outros, incidindo nos modos de expressão e constituição singularizada do próprio corpo (NARVAZ; KOLLER, 2006).

O argumento da diferença sexual serviu como base para a produção do pensamento científico moderno, considerando a existência de um biológico universal entre o organismo das mulheres, que definiriam suas competências para o desempenho de papéis na sociedade. A distinção entre as dimensões “naturais”/biológicas e as culturais era realizada de maneira radical. As justificativas científicas que desqualificavam as mulheres (moral e biologicamente) ditaram as regras para sua participação e inserção social, atribuindo somente a elas a responsabilidade pela reprodução sexual, maternidade, educação dos filhos e atividades domésticas (BRITTO DA MOTTA, 1999).

A suposta inferioridade biológica da mulher e os impedimentos às atividades extra-domésticas retiraram-na da vida pública e da participação política. A educação moral reforçava esta perspectiva, direcionando unicamente à mulher, tais responsabilidades, como efeito sua participação cidadã foi oprimida e sabotada, limitando seus espaços sociais ao meio doméstico e religioso.

Segundo Del Priore (2006) o corpo feminino, historicamente, esteve caracterizado pelas práticas de exclusão e desqualificação. A medicina do século XVIII acreditava que o corpo da mulher era menor, seus “ossos pequenos e mais redondos”, suas “carnes moles e esponjosas”, seu caráter considerado “débil” (DEL PRIORE, 2006, p.75).

Nesta direção, evidenciam-se os usos impostos aos corpos e à fisiologia feminina, construído através das relações de poder vigentes numa sociedade de raiz patriarcal. Acerca do preconceito etário associado ao gênero e à corporeidade (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 226) assinala:

(...) apenas o preconceito/discriminação contra a idade se apresenta de forma menos perceptível, mais sutil que o sexismo porque é mais naturalizado pela evidência dos registros da passagem do tempo nos corpos. E os corpos são de várias idades, em suas diferentes transformações e possibilidades, individuais e sociais. (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 226)



A vivência feminina durante o envelhecimento, como pontua Faria (1995 *apud* MORI; COELHO, 2004, p.178) apresenta outros aspectos relevantes, como: “(...) o afastamento dos filhos, dos pais idosos, irmãos, viuvez, culminando com a adaptação à aposentadoria, senão a própria, a do marido, além de certa dificuldade, no que se refere à sobrevivência econômica e a de participação no mercado de trabalho”, são elementos que incluem a temática psicológica e social, para além das questões fisiológicas do processo de envelhecimento.

Acerca da dimensão sexual do envelhecimento, Vasconcellos *et al.* (2004, p. 414) resgata alguns dos fatores que contribuem para a sua estigmatização:

Até recentemente, ainda se acreditava que por volta dos cinquenta anos o declínio da função sexual era inevitável face à menopausa feminina e à instalação progressiva das disfunções da ereção masculina. Além isto, a atividade sexual perdia fatalmente seu objetivo de procriação e, portanto, sua justificativa social. (VASONCELLOS *et al.*, 2004, p. 414)

Deste modo, urge problematizar os conceitos naturalizados acerca do que é ser “mulher” e “velho/idoso”, em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais, políticos, econômicos e culturais, dando visibilidade à diversidade de práticas e comportamentos, visando à superação dos preconceitos e discriminação social.

### 3. RELAÇÕES ENTRE GÊNERO E GERAÇÃO

O conceito de gênero é utilizado nas ciências humanas e sociais como instrumento de análise de diferentes fenômenos e seus arranjos. As formulações teóricas e os avanços políticos do movimento feminista impulsionaram o desenvolvimento dos estudos de gênero, com o intuito de ultrapassar o enfoque dicotômico entre sexo/gênero pautado numa noção biológica universal e imutável.

Em relação ao conceito de gênero, Scott (1989, p.21) aponta que:

O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. (SCOTT, 1989, p.21)

Assim, a historiadora enfatiza a dependência da idéia de gênero às interações na sociedade e as relações de poder instituídas por práticas de controle ou submissão, refletidas em normas, regras que determinam a pertinência das performances e identidades de gênero dos sujeitos. Para compreender a distinção entre os conceitos de sexo, identidade de gênero e



orientação sexual - cotidianamente utilizados pelo senso comum e ainda mal esclarecidos - Wyllys (2014, p. 24) expõe de maneira simples e didática que:

Nós temos o sexo que a natureza nos dá, que guarda relação com nosso aparelho genital. Dito de maneira biológica: macho ou fêmea, conforme o órgão sexual com que nascemos. A identidade de gênero é a maneira como nos percebemos e nos colocamos no mundo, desempenhando o papel social esperado de cada gênero (homem ou mulher). A orientação sexual, por fim, é o sentido para o qual direcionamos nosso desejo, ou seja, nossa libido, a procura instintiva por prazer erótico. (WYLLYS, 2014, p.24)

658

O avanço nas conceituações, em especial, as desenvolvidas por autoras como, Joan Scott (1989), Judith Butler (1990) e, mais recentemente, Avtar Bhar (2006) ampliaram a definição de gênero afirmando suas possibilidades de interseção a outros marcadores sociais produzindo distintas configurações, singularidades e diferença entre os sujeitos e/ou grupos que compartilham esse campo heterogêneo e relacional. Essas autoras objetivaram desconstruir modelos teóricos totalizantes de significação acerca das relações de gênero, incluindo uma nova compreensão sobre como ocorrem os processos históricos e se formam os distintos arranjos sociais e culturais, assumindo o caráter de descontinuidade das instituições e estruturas naturalizadas.

Assim, a categoria de gênero é considerada a partir da sua articulação a outras categorias/marcadores sociais, como geração/idade, raça/etnia, classe, religião, origem/nacionalidade. O cruzamento entre esses marcadores faz emergir o conhecimento acerca da conceituação sobre as diferenças, as operações/relações de poder e margens de agência (*agency*) que ‘enquadram’ grupos populacionais e podem produzir hierarquização e opressão sobre os mesmos ou, ao contrário, remeter à diversidade, subjetividade, às experiências e/ou formas democráticas de agência política (PISCITELLI, 2008).

Além de gênero, a categoria relacional de geração se articula aos demais marcadores configurando diferenças e vulnerabilidades, evidenciando as condições e posições identitárias em sua diversidade. Segundo Mannheim (1928) citado por Britto da Motta e Weller (2010), geração é definida como uma forma, modalidade, específica do viver e do pensar, de intervir no processo histórico. O sociólogo considera que, além da uniformidade etária, o conceito de geração envolve a percepção semelhante sobre eventos históricos, produtora de uma força social (BRITTO DA MOTTA; WELLER, 2010).

Apesar da constituição histórica dos grupos em faixas etárias/gerações (ÀRIES, 1981), a experiência contemporânea do envelhecer transcender em processos institucionais da



pós-modernidade que apelam para a criação de um todo homogêneo das vivências etárias, tendo por base a juventude como ideário fundamental fortalecendo a criação de perfil de consumidores (DEBERT, 2004).

Deste modo, as idades vêm sendo relativizadas e a vida se tornando descronologizada, produzindo princípios de regulação e gestão do envelhecimento e de si, a partir dos modelos ideais de bem-estar e saúde, baseado na jovialidade (DEBERT, 2004). Segundo Britto da Motta (2002, p.42) “se a formação das identidades de idade ou de geração já é difícil, porque são condições mutáveis rapidamente no tempo – a cada ano se tem uma nova idade; a cada dez ou vinte anos se é classificado numa outra geração”.

Outra posição controversa sobre o conceito de geração é apresentado por Britto da Motta (2004, p. 349-50) onde apresenta duas principais razões para a inconsistência do termo geração:

a) a longa continuidade de uma tradição de escasso trabalho teórico sobre o tema, que só muito recentemente começa a ser superada – principalmente no que se refere às *relações* entre as gerações; b) a polissemia e a polivalência, evidentes e ainda inescapáveis do termo o que, evidentemente, contribui para a sua imprecisão conceitual, porque entre a idéia matriz de *gerar* e as referências atuais a fases ou hierarquias de produção de objetos tecnológicos, alinha-se um extenso rol de significados do termo ‘geração’, perigosamente matizados pelo uso livre no cotidiano. (BRITTO DA MOTTA, 2004, p. 349-50)

Tendo em vista tais colocações, o envelhecimento é um processo que determina a idade como algo pertencente à natureza, como se a maturação e desenvolvimento do organismo devesse responder à evolução cronológica, tida como natural e esperada. Deste modo, reafirmam-se as perspectivas biologizantes sobre o envelhecer, marcando a difusão da idéia de finitude e morte na velhice que desqualificam sua diferença, necessidades, potencialidades e projetos de vida.

#### **4. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO TRABALHO SEXUAL**

O tema da prostituição é bastante controverso. Sua complexidade como fenômeno social e diversidade de condições e práticas provocou o interesse das ciências em compreendê-la. Em torno da prostituição se constituíram discursos, entre eles o da ciência moderna positivista fundamentada em parâmetros tradicionais, buscou encontrar verdades universais, generalizáveis, objetivando melhor controlar os sujeitos e as dimensões da sua sexualidade (PINHO, 2011).





Os discursos sanitaristas e criminais deram as bases para a legitimação do controle sobre o trabalho sexual. Acreditavam que a prostituição poderia ser explicada como uma disfunção orgânica ou defeito do “caráter” pelas atitudes de transgressoras (PINHO, 2011). Essas perspectivas ressaltavam o aspecto determinista e de culpabilização individual da mulher como agente de violência e degeneração física e moral. O corpo feminino e daquele que se prostitui se torna objeto de discursos científicos e prescrições.

Segundo Piscitelli (2012), a partir da segunda metade do século XIX, o interesse pelo controle médico/sanitário, policial e religioso, da prostituição se consolida através da proposta de sua regulamentação, entretanto os nascentes movimentos feministas da época, com enfoque abolicionista, se posicionam contrários a tal regulamentação e consideram essas mulheres como “vítimas de um sistema imoral” sendo que a forma de libertá-las dessa vida depravada é realizar “cruzadas de purificação”.

Após a segunda metade dos anos 70, as transformações culturais, sociais e políticas produziram um discurso feminista renovado acerca dos fatores envolvidos na prática da prostituição, convertendo a justificativa anterior de que ela deveria ser enfrentada tendo em vista os valores morais e religiosos, para seu combate baseado no argumento da violência contra a mulher. Deste modo, mantém-se a perspectiva de que elas não possuem autonomia, desconsiderando a diversidade de motivações e interesses envolvidos nessa prática (PISCITELLI, 2012). O cenário atual entre as feministas é heterogêneo, apesar da amplitude das discussões e sua marcante característica da diversidade, não houve avanços significativos entre os movimentos no Brasil que fizesse frente às demandas de combate ao tráfico de pessoas, violência e exploração sexual (PISCITELLI, 2012).

Hirata e Kergoat (2007) definem “divisão sexual do trabalho” em duas principais instâncias, da separação e da hierarquização, a primeira posiciona homens e mulheres, separadamente, em seus campos de trabalho e a segunda se refere à valorização da mão de obra masculina, bem como suas atividades, frente aos femininos, sejam eles desempenhados por homens ou mulheres. A manutenção das desigualdades é sistemática e que com base nelas são hierarquizadas as atividades laborais, criando um sistema de gênero.

A divisão sexual e social do trabalho estrutura os modos de funcionamento do capitalismo. Historicamente, o trabalho feminino esteve vinculado ao âmbito doméstico, as menores oportunidades de acesso à formação profissional e à educação contribuíram para a construção dessa desigualdade. Deste modo, as mulheres não teriam condições de exercer competitivamente seu trabalho e, em muitos casos, acabaram sendo tuteladas pelas ações



sociais. No entanto, a superação dessa divisão sexual do trabalho deve ser almejada, para que todos tenham acesso ao desempenho digno de suas atividades.

## 5. O CURTA METRAGEM “69 PRAÇA DA LUZ”

O curta foi produzido por Carolina Markowicz e Joana Galvão em 2007 na cidade de São Paulo/SP, tem 15 minutos de duração e apresenta depoimentos de cinco mulheres idosas prostitutas que relatam suas experiências com o trabalho sexual, percepções acerca da sexualidade, das relações com parceiros e/ou clientes, vivências familiares, afetivas e corporais. A Praça da Luz se localiza no bairro da Luz, região central de São Paulo/SP, próxima à Estação da Luz que integra os trens metropolitanos e metrô na cidade.

A primeira frase do filme impacta e apresenta diretamente a sua tônica, *“um dia desses tinha um boyzinho de 18 anos de idade, veio até mim e perguntou, ‘quantos anos você tem?’ eu disse, ‘venha cá, você vai foder comigo ou com a minha identidade?’”*. Entre os temas abordados no filme, o valor conferido às experiências de vida e sexuais conquistadas com o trabalho como prostituta, se expressa quando afirmam: *“panela velha é que faz comida boa, não é?”*, ou *“ihh, eu tenho experiência de tudo. Não sou só eu não, todas as meninas, né?”*.

Outro ponto destacado é a singularidade do corpo feminino nesta idade e a atração para seus clientes que buscam nelas suas características, trechos como, *“ele disse, ‘você poderia me dizer se tem alguma mulher aqui do grelo grande?’ eu disse, ‘mas bem, como é que eu vou saber uma coisa dessa?’”*; ou, *“ai mas você é gostosa demais, eu gosto de você, porque seu grelo é grande...eu disse ‘Jesus!’”*. *“Cú incrível e grelo grande, eu acho que ele não quer um grelo, quer um pinto”*. Além disso, afirmam, *“ai vai passando aquele medo, aquele medo de ficar gorda, sabe? Porque eles te elogiam toda. Ah, então tem quem goste... rs. Então deixa eu ficar numa boa”*.

Esses relatos inusitados provocam a desconstrução da noção de assexualidade impregnada na figura da pessoa idosa, como alguém que, por um caminho “natural”, deixou de vivenciar sua sexualidade. De acordo com Risman (2005), a velhice é estimada como período assexual e andrógino do ser humano. Entre os diversos estereótipos negativos atribuídos às pessoas idosas, o estigma da não aceitação da sua sexualidade é bastante permanente.

Neste sentido, se torna arriscado falar sobre a sexualidade no envelhecimento quando são sustentadas mistificações e crenças errôneas que reforçam o estereótipo de que o prazer





sexual está limitado ao período juvenil da vida. Assim, aspectos de gênero estão envolvidos, Negreiros (2004, p.81) afirma:

As idosas de hoje foram educadas num código de sexualidade ainda muito rígido – o que é próprio ou impróprio; o que é natural, agradável, normal, ou ao contrário: danoso, excessivo, insultuoso; aquilo que é passível de admiração, aceitação ou, inversamente, de repulsa, negação. (NEGREIROS, 2004, p.81)

As crenças e valores impostos por esse código definiram a sexualidade e a relação de intimidade com o corpo de maneiras intensas, baseadas nas regras morais do patriarcado e na submissão feminina. Acerca dos estereótipos conferidos à mulher idosa, Johnson (1990) citado por BOTELHO-GOMES *et al.* 2010, p.02) afirma:

O corpo de cada um de nós é um projeto, é o resultado obediente de imposições e imperativos sociais. Assim sendo, mesmo os corpos das idosas não estarão dispensados dessas imposições; a sociedade tende a ter uma visão discriminatória da idade sobre o que é um comportamento “apropriado” para mulheres mais velhas. (JOHNSON, 1990 *apud* BOTELHO-GOMES *et al.* 2010, p.02)

No que tange às distinções no tratamento da sexualidade entre homens e mulheres idosos é que se por um lado existe o apelo pela vivência sexual dos homens através de fármacos para a disfunção erétil, por outro as mulheres são constantemente alvo das biotecnologias de controle das funções corporais, patologizando e medicalizando o envelhecimento feminino, através do apelo à manutenção de um estimado modelo de saúde, bem-estar e qualidade de vida, que não envolve, ao menos, a discussão sobre sua sexualidade.

A imposição da vivência “ativa” da sexualidade como condição para o bom desempenho da saúde incorre em erro ao desconsiderar a diversidade de vivências e valores conferidos a ela. Em alguns trechos, a patologização do envelhecimento da mulher é abordada de maneira fortuita, “*agora na menopausa, agora que eu sinto prazer*”; “*dessas que freqüentam a praça, não tem nenhuma que sofra de depressão*”; “*aqui para mim é uma melhor terapia*”; “*a gente é gente que precisa de gente*”.

A respeito do trabalho sexual, algumas passagens destacam a condição social em que se encontravam, “*eu nem sabia o que era prostituição, eu não sabia na época, se eu soubesse, eu não tinha deixado meus filhos passarem fome jamais*”; “*a gente cobra 20,00 reais*”; “*está com 25 anos que eu venho aqui e não posso reclamar de nada daqui*”.

Abordam passagens das suas histórias pessoais como, “*quando eu tinha 5 anos de idade minha mãe faleceu, nós ficamos em 8 irmãos*”; “*... eu fui abandonada, uma família me criou*”;



*“dizem que praga de mãe não pega, mas pegou (...) Ela me abraçou e disse, você nunca há de ser feliz”*. Os episódios biográficos de cada uma retrata as dificuldades e os (des)caminhos que fizeram-nas transitar por diferentes projetos de vida. A necessidade de trabalhar com prostituição para sobreviver, as dificuldades nos relacionamentos familiares ou conjugais são marcantes nos depoimentos.

A virilidade, o corpo masculino e as diferentes práticas sexuais são abordadas, *“... o mais esquisito que eu vi outro dia, acho que ele era judeu, ele tinha um pênis diferente dos outros”*; *“... a ponta fina ainda, embaixo aquele negócio”*. *“chega lá diz que vai comer cu, vou comer na frente, vou dar duas, três, tudo mentira, eles não agüentam”*; *“toma 10 comprimidos por dia, e quer que levante e você fica naquela agonia...”*; *“o homem só sente tesão se enfia o dedo no rabo”*; *“tem homem que já não gosta que a mulher tome banho”*.

## 6. INTERSECCIONALIDADE

Os relatos inusitados e as experiências surpreendentes das mulheres idosas retratadas no curta metragem promovem a discussão acerca dos estereótipos de gênero, geração e classe, às quais são continentes. Os arranjos específicos que elas comportam configuram diferenças e identidades, no entanto elas não remetem, necessariamente, à desigualdade, opressão, exploração, essa diversidade de modos de ser e estar no mundo é forjada em meio aos contextos específicos e suas relações de poder (PISCITELLI, 2008).

A diferença frente aos padrões normativos de vivência etária da mulher é importante, pois tece conflitos, subjetividades e pontos de resistências construídos sob relações de poder, que se contrapõem à idéia de que poder é somente algo que se detém, como uma propriedade. Nesta perspectiva, ele é construído historicamente (nem sempre apenas em continuidades, mas também por meio de discontinuidades) e se forma através das distâncias, diferenças e oposições existentes que constituem um campo relacional (FOUCAULT, 1977)

A liberdade na vivência das sexualidades apresentada pelas mulheres no filme evidencia práticas de resistências diante da assexualidade conferida à mulher idosa pela sociedade. Segundo Foucault (2004), a sexualidade faz parte da conduta humana e a liberdade em exercê-la é uma criação, não se constituindo como uma “verdade oculta” a ser desvendada pelas ciências ou revelada para o sujeito ou um aspecto secreto do nosso próprio desejo.

Nesta relação de poder, em que mulheres idosas prostitutas estão submetidas, dentro do sistema heteronormativo, sexista e de desqualificação da pessoa idosa. As práticas e relatos



dessas mulheres demonstram a possibilidade de questionarmos a relação entre dominador e oprimido. O entendimento acerca das relações de poder pressupõe que o poder não exprime apenas uma força negativa, a resistência implicada nessas relações se coloca de maneira produtiva e define posições estratégicas nesse campo de forças (FOUCAULT, 2004).

No contexto da articulação das diferentes categorias ou marcadores sociais, algumas configurações produzem subordinação e circunstâncias de singulares de desempoderamento, estabelecendo formas particulares de vivência da opressão. Entretanto, segundo Piscitelli (2008, p. 268):

(...) os processos mediante os quais os indivíduos se tornam sujeitos não significam apenas que alguém será sujeito a um poder soberano, mas há algo mais, que oferece possibilidades para o sujeito. E os marcadores de identidade, como gênero, classe ou etnicidade não aparecem apenas como formas de categorização exclusivamente limitantes. Eles oferecem, simultaneamente, recursos que possibilitam a ação. (PISCITELLI, 2008, p.268)

Neste sentido, a relacionalidade entre as categorias de articulação é uma questão empírica em aberto considerando os fatores institucionais, a diversidade dos membros das categorias bem como dos demais fatores envolvidos como os econômicos, culturais, políticos, subjetivos e experienciais.

## CONCLUSÃO

A problemática da subjetividade e identidade contribui para a compreensão sobre a dinâmica do poder da diferenciação social. As mulheres retratadas no curta se diferenciam da condição atribuída tradicionalmente às pessoas de sua geração, no momento em que afirmam um posicionamento singular diante do corpo e do trabalho sexual, de maneira autêntica.

Não é possível ignorar os condicionantes sociais, das relações de gênero, geracionais e de classe que influenciam suas condições de vida e subsistência, produzindo opressão, discriminação e desvalorização perante a sociedade em geral. Entretanto é notável a força e potencialidade dessas mulheres no sentido de afirmarem sua posição e múltiplas possibilidades dos modos de vida e existência.



## FICHA TÉCNICA E PREMIAÇÃO<sup>3</sup>

O curta metragem de gênero documentário, 69 Praça da Luz, foi realizado no ano de 2007 em São Paulo/SP, por Carolina Markowicz e Joana Galvão, sua duração é de 20 minutos. Sinopse: Prostitutas de idade avançada ganham a vida na Praça da Luz, em São Paulo. Relatos inusitados e surpreendentes de cinco mulheres que revelam em detalhes suas experiências em todos esses anos de profissão.

Recebeu prêmios em diversos festivais de Cinema, como: Melhor Documentário no Festival do Rio 2008; Melhor Curta - Júri Popular no Festival Mix Brasil 2007; Melhor Documentário no Festival Mix Brasil 2007; Melhor Curta - Júri Popular no Lisbon Gay and Lesbian Film Festival 2008; Melhor Documentário no Vale Curtas 2008; Melhor Filme Nacional no Vale Curtas 2008.

Assim como concorreu nos festivais: Curta Santos 2008; Festival de Havana 2008; Israel Gay and Lesbian Festival 2008; Zinegoak- Festival gay de Bilbao 2009; Athens Gay and Lesbian Festival 2008; Lady Fest 2007; Mostra Diversidade na Mídia 2008.

Filme Mulheres da Boca, de Cida Aidar e Inês Castilho, de 1981; outros filmes de feministas sobre o tema nesse período foi Beijo na Boca, dirigido por Jacira Melo, SP, em 1987 e, na década de 1990, Amores de Rua, Curta-metragem / Sonoro / Documentário, 1994, Rio de Janeiro, Direção: Eunice Gutman.

<sup>3</sup>FONTE: [http://portacurtas.org.br/filme/?name=69\\_praça\\_da\\_luz](http://portacurtas.org.br/filme/?name=69_praça_da_luz)

## REFERÊNCIAS

ÀRIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora LTC - Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BHAR, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In: *Cadernos pagu*, n. 26. Campinas: Unicamp, jan/jun, 2006, pp.329-376.

BOTELHO-GOMES, Paula; ROCHA, Libânia; CARVALHO, Joana. Os (Re)novados Corpos nas Mulheres Idosas: a influência de um programa de actividade física. In: FAZENDO GÊNERO 9 – DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 23 a 26 de agosto de 2010. Florianópolis.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As Dimensões de Gênero e Classe Social na Análise do Envelhecimento. In: *Cadernos Pagu*, n. 13, Campinas: Unicamp, 1999, pp.191-221.



BRITTO DA MOTTA, Alda. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos E. A. (Orgs.) *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Gênero, Idades e Gerações. In: *Caderno CRH*, v. 17, n. 42. Salvador: UFBA, set/dez, 2004, pp.349-355.

BRITTO DA MOTTA, Alda; WELLER, Wivian. Apresentação: a atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. In: *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, Brasília: Departamento de Sociologia da UnB, mai/ago, 2010.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble*. New York: Routledge, 1990.

DEBERT, Guíta Grin. A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora USP – Universidade de São Paulo. FAPESP, [1999] 2004.

DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. Tradução F. DURANT-BOGAERT. In: *Revista Verve*, n. 5, [1984] 2004, pp. 260-277.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Características da população e dos domicílios. Resultados do universo. Rio de Janeiro, 2011.

MARKOWICZ, Carolina; GALVÃO, Joana. *69 Praça da Luz*. Roteiro, produção e montagem: MARKOWICZ, C.; GALVÃO, J. Fotografia: ZANARDO, Bruno. Gênero: Documentário/Curta metragem (15 minutos). Brasil: São Paulo/SP, 2007.

MORI, Maria Elizabeth; COELHO, Vera Lucia. Mulheres de Corpo e Alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade. In: *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 2. Porto Alegre: UFRGS, pp. 177-187, 2004.

NARVAZ, Martha; KOLLER, Sílvia. Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. In: *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 18, n. 1. Porto Alegre: UFRGS, jan/abr, 2006. pp. 49-55.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro. Sexualidade e gênero no envelhecimento. In: *Revista Alceu*, v. 5, n. 9. Rio de Janeiro: PUC-RJ, jul/dez PP. 77-86, 2004.

PINHO, Érika Bezerra de Meneses. Trabalho Sexual e Envelhecimento: trajetórias de vida de prostitutas idosas. CONLAB – CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - XI. 07 a 10 de agosto de 2011, Salvador.

PISCITELLI, Adriana. Feminismos e Prostituição no Brasil: uma leitura a partir da antropologia feminista. In: *Cuadernos de Antropología Social*, v. 36. Buenos Aires: Universidade de Buenos Aires/AR. 2012. pp. 11–31.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: *Revista Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, jul/dez. 2008. pp. 263-274.



RISMAN, Arnaldo. Sexualidade e Terceira Idade: uma visão histórico-cultural. *In: Textos sobre Envelhecimento*, v. 8, n. 1. Rio de Janeiro: UNATI/UERJ, 2005, pp. 89-115

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução DABAT, Christine Rufino; ÁVILA, Maria Betânia. Nova York: Columbia University Press, 1989.

VASCONCELLOS, Doris *et alii*. A sexualidade no processo de envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. *In: Estudos de Psicologia*, v. 9, n. 3. Natal [online], 2004, pp. 413-419.

WYLLYS, Jean. Tempo Bom, Tempo Ruim: identidades, políticas e afetos. São Paulo: Paralela. 2014.